

“segmentaciones atípicas” de *cantandes* (por *cantades*), *iña* (por *ía*) y *sen* (por *sé*).

Debemos saludar con satisfacción esta colectánea de estudios de diacronía porque muestra la vitalidad de la que gozan en Galicia y también por la gran diversidad de enfoques, procedimientos, metodologías y objetivos que exponen a cualquier interesado o especialista en historia de la lengua. Por ese motivo, pienso que pueden servir muy bien de modelo para otros estudios o de sugerencia para nuevos caminos que el cambio lingüístico aún puede recorrer. Es, en definitiva, una obra no solo de gran interés, sino muy necesaria.

Angélica Madeira, *Livro dos naufrágios – ensaio sobre a história trágico-marítima*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2005, pp.396.

Stefania Chiarelli
Universidade Federal Fluminense
stefania.techima@uol.com.br

Um antigo ditado português já dizia: “Se queres aprender a rezar, atira-te ao mar”. O medo diante do desconhecido e os perigos além da compreensão há séculos povoam nosso imaginário. Dessa vivência radical provém um tipo de narrativa que de certa forma recupera a experiência de viver uma situação limite. A história trágico-marítima se constitui de relatos de naufrágios portugueses redigidos nos séculos XVI e XVII, compilados e publicados por Bernardo Gomes de Brito em 1735 e 1736. No presente volume, Angélica Madeira analisa detidamente o gênero constituído por essas narrativas. Na primeira parte do ensaio, se dedica ao estudo da viagem centrada no navio.

Nessa perspectiva, a embarcação é vista como “instituição total”, entendida como microcosmo da sociedade, lugar de residência e trabalho, onde se reproduzem relações externas de poder. Sérgio Paulo Rouanet afirma no prefácio:

o que emerge é um pequeno mundo flutuante, um mundo mônada, miniatura do mundo real tal como existe em terra firme, com escravos e homens livres, com fidalgos e plebeus, marinheiros que gemem no convés, doentes, ou os que cantam, ao cair do sol, com

capelães que orquestram novenas a Nossa Senhora, damas da corte, aias, crianças.

A estrutura dos relatos, de acordo com a autora, é dividida em três momentos distintos que seguem a ordem cronológica dos eventos – partida, naufrágio e perdição. Imagens de indivíduos à deriva, entregues aos perigos do mar e da catástrofe iminentes são recorrentes. A afinidade desses escritos com a estética barroca constitui uma das principais contribuições do ensaio, pois a autora entrevê no relato do naufrágio um exemplar precoce da prosa barroca, desvendando a gramática da alegoria dos textos como estilo de pensar e de escrever: “Que época foi aquela que viu surgir conjunto tão singular de narrativas?”, indaga. Essa literatura da morte e do medo prenuncia uma forma de sensibilidade trágica que será predominante durante a vigência do barroco, cujo conteúdo mais geral é o próprio triunfo da morte, marcado por imagens de caveiras e esqueletos.

A última parte do volume se dedica ao encontro dos portugueses com o Outro. As relações de alteridade presentes nas narrativas de naufrágio apresentam momentos em que os portugueses, à maneira de etnógrafos, catalogam costumes diferentes, plantas e animais tidos como raros. O olhar, entretanto, é sempre do colonizador, marcado pelo desejo de inventariar possíveis riquezas e futuros negócios.

Angélica Madeira, cuja formação inclui a semiótica, a sociologia e a literatura, tem outras obras dedicadas à cultura brasileira, incluindo a música, a literatura e as artes visuais. Daí a perspectiva transdisciplinar da pesquisa, em que a sociologia histórica, a teoria literária e a etnografia comparecem. Apesar de esmiuçar textos antigos, a pesquisadora não se detém no passado, mas projeta sua análise ancorada no presente. Alude à metáfora da vida como naufrágio e à condição do sujeito como sobrevivente, em um tempo em que novas ameaças amedrontam a humanidade: “Desastres de cada época estão diretamente ligados a práticas sociais e atuam como informantes sobre os riscos que uma sociedade pode correr”, alerta.

E o volume em questão traça admirável percurso para que o leitor persiga essa investigação, pautada pelo rigor intelectual de uma escrita marcada pela delicadeza no mapear das imagens e pela fluidez narrativa. Como na seguinte passagem, em que a autora chama a atenção para o que chama de infinitização do mundo: “o teto do